

**Prescrições para um casamento feliz:
análise discursiva da obra *Casamento Blindado***

***Prescriptions for a happy marriage:
discursive analysis of the work Casamento Blindado***

Bruna Silva RODRIGUES¹
Geilson Fernandes de OLIVEIRA²
Marcília Lucia Gomes da Costa MENDES³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a obra “Casamento Blindado: o seu casamento à prova de divórcio” (2012), dos autores Renato e Cristiane Cardoso. Este livro faz parte do fenômeno compreendido como autoajuda, tendo-se em vista o seu caráter prescritivo e pedagógico. De forma específica, a produção textual analisada propõe pontos e regras para a manutenção de um casamento feliz e em conformidade com os modelos tradicionais e conversadores, frente as atribulações enfrentadas por esta instituição na contemporaneidade. A análise é realizada sob a perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso (AD) de Orientação francesa. Como eixos norteadores da discussão, trataremos especialmente dos discursos produzidos em torno do casamento e da felicidade, atentando para as formações discursivas a que pertencem, bem como para os sentidos produzidos.

Palavras-Chave: Casamento Blindado. Discurso. Casamento. Felicidade.

Abstract

The objective of this article is to analyze the work “Casamento Blindado: o seu casamento à prova de divórcio” (2012), by the authors Renato and Cristiane Cardoso. This book is part of the phenomenon understood as self-help, taking into account its prescriptive and pedagogical character. Specifically, the textual production analyzed proposes points and rules for the maintenance of a happy marriage and in accordance

¹ Graduada em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: bruna.rodrigs@gmail.com

² Doutorando em Estudos da Mídia pela UFRN. E-mail: geilson_fernandes@hotmail.com

³ Doutora em Ciências Sociais pela UFRN. Professora dos PPGs de Ciências da Linguagem (PPGCL) e Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: marciliamendes@uol.com.br

with the traditional models and conversational, in the face of the tribulations faced by this institution in the contemporary world. The analysis is carried out from the theoretical-methodological perspective of Discourse Analysis (AD) of French Orientation. As the guiding axes of the discussion, we will especially address the discourses produced around marriage and happiness, looking at the discursive formations to which they belong, as well as for the senses produced.

Keywords: Casamento Blindado. Discourse. Marriage. Happiness.

Introdução

Na contemporaneidade, os ideais da felicidade são a cada dia mais buscados, ao mesmo tempo em que são também cada vez mais requisitados e convocados. Ao se falar em felicidade nos tempos correntes, não podemos deixar de lado a sua propagação por meio do fenômeno denominado por Adorno e Horkheimer como Indústria Cultural. O termo, utilizado pela primeira vez no capítulo *O iluminismo como mitificação das massas* no ensaio *Dialética do esclarecimento*, publicada em 1947, refere-se, em suma, a transformação da cultura em mercadoria nas sociedades industriais capitalistas.

Sobre este assunto, podem ser notadas as relações entre os produtos desta indústria nascente com a mecânica cultural e suas relações de poder, pois muitos “manuais práticos e livros de conduta ofereciam orientações para uma vasta gama de atividades, desde boas maneiras, comportamento moral e oratória, a métodos de práticas comerciais” (THOMPSON, 1998, p. 59). Com a intensificação e globalização destes processos, o seu fluxo ganha contornos mais extensos, e ao mesmo tempo, mais organizados, além de promover nos sujeitos novas formas de ser e estar.

A partir destas condições e observando o estado da cultura e das artes nas sociedades modernas é que Adorno e Horkheimer percebem a irrupção da indústria cultural. Com este fenômeno, a cultura torna-se a própria mercadoria e as artes e as culturas eruditas vão perdendo o seu valor de autenticidade, sendo voltadas para o mero consumo, não mais um consumo baseado em uma fruição estética, como doravante ocorria segundo os autores, mas voltado para o próprio consumo por ele mesmo. A

autenticidade da criação tende a tornar-se mera reprodução nesse processo, uma vez que perde espaço frente a grande difusão das reproduções e releituras.

Enquanto expressões da Escola de Frankfurt, fortemente influenciada por ideais marxistas e pelo contexto da segunda guerra mundial, Adorno e Horkheimer viam no capitalismo a apropriação da produção cultural. De acordo com as suas perspectivas, “[...] o avanço do capitalismo apropriou-se não apenas das instâncias produtoras de bens concretos, mas também da produção cultural” (BARROS FILHO; SÁ MARTINO, 2003, p. 192), e isto teria consequências diretas nos processos de consumo, fruição e formação dos sujeitos, que ao invés de terem acesso ao produto cultural e/ou artístico original e autêntico, se satisfariam com a mera cópia e/ou reprodução, os quais não possuíam nenhuma responsabilidade em transmitir nenhum tipo de conhecimento ou reflexão.

É por meio de normas maciças da fabricação industrial de bens concretos e simbólicos, bem como através da sua propagação pelas mais diversas técnicas de difusão também maciças, que se caracteriza e se define a cultura de massa, direcionando os seus conteúdos para o maior número de pessoas possível, compreendidas, segundo Morin (1997) “[...] aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes, família, etc.)” (p. 14). Com a cultura de massa, os sujeitos das mais distintas classes e formações passam a ter conhecimento e/ou acesso aos novos padrões de vida. São instados a entrarem em novos universos de bem-estar e do lazer, prometidos sumariamente por meio do consumo, prática social que consegue a partir disso crescer vertiginosamente, acompanhada pelo aumento do poder aquisitivo, diminuição das horas de trabalho e consequente aumento das horas livres.

A indústria cultural e a cultura de massa são fenômenos interligados que juntos correspondem não mais somente ao desenvolvimento desenfreado dos bens materiais, mas a um segundo tipo de industrialização, agora a dos espíritos. São fenômenos culturais que buscam a colonização da subjetividade dos sujeitos, objetivando penetrar em seus anseios, resolver os seus medos, lidar com as suas insatisfações. Consequentemente, não é de se estranhar que logo esta cultura torna-se “[...] o grande fornecedor dos mitos condutores do lazer, da felicidade, do amor, que nós podemos

compreender o movimento que a impulsiona, não só do real para o imaginário, mas também do imaginário para o real” (MORIN, 1997, p. 90). Estas são manifestações culturais que não se efetivaram de um momento para outro, mas considerando-se as alterações nos modelos de produção cultural instauradas por condições de possibilidade da própria vida social e do mercado.

Ponderações devem ser feitas, vale ressaltar, com relação a denominação “cultura de massas”, pois, a *priori*, este termo torna-se limitado e limitador ao conjugar as formas culturais das camadas populares, possuidoras de diversas nuances e características distintas em um mesmo espaço – o da massa. Isto, sem esquecermos que a utilização da noção de massa e sua percepção generalista tornam-se ultrapassadas, considerando-se que os sujeitos aí incluídos possuem práticas sociais distintas uns dos outros, bem como são também os sentidos por eles produzidos com relação ao mundo, a cultura, ao consumo, etc. Ademais, a divisão entre cultura de massa e cultura erudita só nos revela a existência de relações de poder entre o cânone e o marginal - ou melhor dizendo, aquilo que é marginalizado por uma cultura elitista.

Aqui, no entanto, nos posicionamos no lugar daqueles que possuem uma visão integrada, ponderando assim como Eco (1979) as visões elitistas e apocalípticas que não enxergam nada de positivo sobre o fenômeno da indústria cultural e da cultura de massa. Uma visão analítica deve ser posta sobre os conteúdos da dita cultura de massa, tendo-se em vista principalmente o seu alcance por meio das novas formas culturais e de subjetivação que propõe. Uma mostra importante disso pode ser evidenciada com relação à problemática da literatura de autoajuda, pois, através deste fenômeno, novos contornos são incorporados no seio da sociedade.

Com uma concepção projetiva e identificativa (MORIN, 1997) os sujeitos consumidores destes produtos projetam-se e identificam-se com as narrativas e personagens, com suas intempéries, buscas e conseqüente encontro com a felicidade. É exatamente este último ponto que promove maior projeção no imaginário deles, que passa por uma verdadeira mudança com a irrupção massiva do *happy end*. Os ideais de felicidade, neste cenário, assumem lugar central no imaginário particular e coletivo.

Em eixo contrário, a tristeza, dores e angústias são evitadas nestes produtos. Raramente, quando mostrados, são apresentados como passageiras e componentes da caminhada rumo à felicidade, parte necessária para o *happy end*. Mas, e quando estes sintomas vistos como negativos se estendem, sejam em obras cinematográficas, literárias, publicitárias, ou no próprio sujeito, o que acontece? A única resposta encontrada no seio da cultura de massa é que nela não há lugar para o fracasso, portanto, este deverá ser suprimido pelo alarde da felicidade e do bem estar⁴. Com relação aos sujeitos, há manuais dos mais diversos propagados para resolver os variados problemas e atingir o bem-estar, pois a frustração está fora de cogitação, não faz parte da ordem do dia.

Adorno (2002, p. 10) defende que “o mundo inteiro é forçado a passar pelo crivo da indústria cultural”. Neste crivo, certamente inclui-se o não lugar para o fracasso e a infelicidade. O autor complementa afirmando o fato de “quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado. Excluído da indústria, é fácil convencê-lo de sua insuficiência” (ADORNO, 2002, p. 16). Inclusive, sentir-se insuficiente ou infeliz não é algo difícil quando se está rodeado pelos sorrisos intensos e as felicidades extremas vendidas pela indústria cultural, quando se percebe um estado de si aquém dos padrões estabelecidos. Todavia, esta insuficiência poderá ser superada com as técnicas propagadas por esta mesma indústria.

Por isto, não é de se estranhar que a cultura de massa proponha tantos valores e modelos para todas as esferas da vida, sobretudo relacionados ao tema da felicidade. Seja com relação às experiências amorosas, beleza, vestuário, erotismo, sedução, o saber viver, não importa, ela possui as melhores dicas e conselhos, conforme apregoa. Através de diversas mediações e contatos, utilizam-se de uma relação amigável, próxima e simpática ao público. Enquanto mostram-se como um “[...] gigantesco clube

⁴ A novela *A vida da gente* (Rede Globo, 2011-2012), por exemplo, teve sua narrativa alterada após seu conteúdo ser considerado “angustiante” e conter “desgraças demais”, tanto pelos telespectadores quanto pelo Ministério Público. Ver: <<http://extra.globo.com/tv-e-lazer/telinha/a-vida-da-gente-autora-ameniza-doencedila-de-juacutelia-sem-leucemia-ela-teraacute-hepatite-4001234.html>> e <<http://extra.globo.com/tv-e-lazer/telinha/ministeacuterio-da-justiccedila-vecirc-conteuacutedos-angustiantes-em-vida-da-gente-muda-classificaccedilatildeo-indicativa-da-novela-3323450.html>>.

de amigos, uma grande família não hierarquizada” (MORIN, 1997, p. 103), anunciam uma verdadeira salvação aqui na terra, cabendo somente ao sujeito corresponder e adequar-se a ela.

Neste contexto, a literatura de autoajuda mostra-se como um dos principais produtos da indústria cultural no que concerne aos aconselhamentos de como lidar com os vários e distintos problemas do cotidiano, ofertando medidas e fórmulas de superação que podem levar o sujeito ao caminho da felicidade e, mais do que isso, a sua consecução. É um produto cultural de grande sucesso no contemporâneo, com grande vendagem e posterior consumo e assimilação por parte dos sujeitos. É sobre este fenômeno que trataremos no tópico seguinte.

“O céu ajuda a quem se ajuda”⁵

As obras literárias do gênero autoajuda, largamente produzidas no mercado editorial, também são conhecidas como publicações de psicologia popular. Estes títulos passaram a ser difundidos no Brasil em maior escala a partir da década de 1980 (CHAGAS, 2002). Nas últimas décadas, tem-se mostrado como um grande sucesso editorial no mercado brasileiro e em muitos outros países, garantindo posições invejáveis entre os livros e autores mais vendidos.

Os mais variados títulos são diariamente lançados, com temáticas das mais distintas, seja dando dicas para alcançar o emagrecimento⁶, como encontrar o par ideal⁷, superar a timidez⁸, ser líder⁹, manter o casamento¹⁰, educar os filhos¹¹ entre tantas

⁵ SMILES, 1859.

⁶ A dieta da barriga zero! Perca até 7 kg em 32 dias (SASS, Cynthia; VACCARIELO, Liz. Editora Best-Seller, 2011); Dieta dos 10 passos (JUNIOR, Jair Garcia. Phorte Editora, 2007); Dieta nota 10: comer e emagrecer é mais simples do que se imagina (RIBEIRO, Guilherme de Azevedo. Bertrand Brasil, 2011), entre outros.

⁷ Encontre a pessoa certa para você (WRIGHT, H. Norman. Editora Vida, 2011); Como encontrar a pessoa certa para amar (MICHAEL, Russ. Editora Pensamento, 2000); Como atrair seu par ideal (LINDA, Georgian. Editora Record, 2001), entre outros.

⁸ Manual de sobrevivência dos tímidos (MARON, Bruno. Editora Lote42, 2013); Como vencer a timidez (ALBISETTI, Valério. Paulinas, 2004); Timidez: como ajudar seu filho a superar problemas de convívio social. EISEN, Andrew R; ENGLER, Linda B. Editora Gente, 2008), entre outros.

⁹ Seja líder de si mesmo (CURY, Augusto. Editora Sextante, 2004); O monge e o executivo (HUNTER, James C. Editora Sextante, 2004), entre outros.

outras temáticas que envolvem a vida cotidiana com as formas de ser, estar e agir dos indivíduos, visando conforme apregoam a superação dos sujeitos, modos pelos quais eles poderão alcançar o bem estar subjetivo tão almejado, isto é, a felicidade, a realização consigo mesmo, bem a ser alcançado sempre nas sociedades modernas ocidentais.

Frente a grande variedade de títulos, a classificação do gênero tornou-se complicada. Salem (1992) categoriza o gênero em duas vertentes: a psicológica e a esotérica. A vertente psicológica é aquela que faz uso de conceitos e ideias advindos da psicologia e psicanálise, mesmo que sejam noções popularescas, já a esotérica, compreende a literatura do gênero que trata sobre as potencialidades da mente, propondo a sua maximização através do poder do pensamento.

Tucherman (2012) também categoriza o gênero sob dois vieses, um espiritual e o outro pragmático. A vertente espiritual aproxima-se da esotérica definida por Salem (1992), abarcando fundamentos religiosos e espirituais para a potencialização do pensamento. O viés pragmático é constituído pelas obras que propõem esquemas, regras e etapas a serem cumpridas por meio de treinamentos. As classificações díspares nos mostram a diversidade de temas e subgêneros, se assim pudermos denominar, da literatura de autoajuda.

O tipo de literatura que deu origem ao gênero autoajuda formou-se a partir de transformação sociais, históricas e culturais as quais possibilitaram mudanças na percepção sobre o poder da mente, decorrente especialmente pela difusão da cultura de massa, sugere Rüdiger (1996). O fenômeno literário teve como percussor expressivo um livro homônimo ao título do gênero: *Self-Help* (autoajuda), do médico e publicista Samuel Smiles em 1859. A obra consiste em uma série de palestras proferidas pelo autor para um grupo de trabalhadores que tinham aprendido a ler e a escrever, além de estudar outras disciplinas, de forma autônoma. A partir de *Self-Help*, Smiles buscava mostrar aos leitores o quanto nós podemos ajudar a nós mesmos e, principalmente, o

¹⁰ Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio (CARDOSO, Renato e Cristiane. Editora Thomas Nelson, 2012), entre outros.

¹¹ Pais e educadores de alta performance (IÇAMITIBA. Editora Integrare, 2011); Pais responsáveis educam juntos (POLI, Cris. Editora Mundo Cristão, 2011), entre outros.

quanto “a felicidade e o bem estar individuais do decurso da vida dependem principalmente e necessariamente de nós” (SMILES, 1859 *apud* RÜDIGER, 1996, p. 33).

Com proposta inovadora para a época, esta é a obra de maior sucesso de Smiles, que também produziu outros livros com temáticas semelhantes¹². *Self-Help* já foi publicado em várias línguas e é apontado como a obra que inaugura uma nova lógica, transmitindo os princípios de que qualquer pessoa deveria e poderia buscar por seus objetivos, fazendo uso da perseverança e dos seus esforços individuais, abandonando qualquer tipo de amparo ofertado pelas culturas precedentes.

Nesse cenário, o Brasil é conforme Tucherman (2012) o segundo maior público consumidor do gênero. Afunilando essa discussão, Freire Filho (2010) nos mostra que de acordo com dados da Câmara Brasileira do Livro (CBL), consultados por ele em 2010, o segmento da literatura de autoajuda cresceu, em nosso país, de 5% a 10% ao ano, entre 1996 e 2006. Conforme esses dados, no ano de 2006, cerca de 600 novos livros do gênero foram lançados, compreendendo inclusive obras direcionadas ao público infantil¹³.

Ainda, segundo pesquisa realizada pela Associação Nacional de Livrarias (ANL, 2012), os livros de autoajuda se apresentam na 4ª posição da lista de classificação dos gêneros mais comercializados no Brasil, demonstrando, além disso, que de 2009 para 2012, a comercialização dessas publicações tiveram 23% de crescimento, percentual ainda mais expressivo em relação aos apresentados por Freire Filho em 2010.

Para termos uma noção da popularidade e sucesso do gênero autoajuda, desde 1983, o *New York Times* criou estrategicamente uma forma de divulgar a lista dos livros mais vendidos, criando uma nova categoria – “*Advice*” (conselho) –, esta sessão tornou-se especial para os livros de aconselhamentos. A necessidade de sua criação mostrou-se importante e justificável, pois, como afirma Tucherman (2012, p. 137), “se isso não fosse feito, nunca mais nenhum livro de não ficção poderia aparecer como sendo um

¹² *O poder da vontade* (1865), *O Caráter* (1875) e *O dever* (1880).

¹³ O livro *Agapinho: ágape para crianças*, do Padre Marcelo Rossi (Editora Globo, 2012) é um exemplo de títulos de autoajuda voltados para o público infantil.

dos mais vendidos”. Esta mesma estratégia foi tomada como modelo pela *Revista Veja* a partir de 1989 e conseqüentemente por muitas outras empresas.

Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio

Enquanto uma grande expressão do fenômeno exposto até aqui, a obra *Casamento Blindado: O seu casamento à prova de divórcio* (2012), escrito por Renato e Cristiane Cardoso, é tomada aqui como objeto de análise para este artigo. Os autores da obra citada são também, é válido ressaltar, apresentadores do programa televisivo *The Love School – Escola do Amor*, da rede Record, o que *a priori* pode nos revelar uma forte relação com a problemática da indústria cultural. A obra foi escolhida considerando-se principalmente o seu grande sucesso de vendas, já que mais de 2 milhões de exemplares foram vendidos, estando no ano de 2013 e 2014 na lista dos livros mais vendidos da revista *Veja*, mostrando assim um altíssimo grau de procura e popularidade entre os brasileiros.

Outro ponto que foi levado em consideração é a relação direta que o livro tem com as questões relacionadas com a felicidade. Estas questões são enfatizadas principalmente no que remete aos relacionamentos conjugais – foco principal do livro. A obra está inserida na categoria de livros de autoajuda, tendo em vista que trabalha com o agenciamento das subjetividades dos indivíduos, dando-lhe fórmulas e receitas em suas incessantes buscas por felicidade, neste caso específico, no relacionamento conjugal. Tal obra será analisada no tópico seguinte a partir da perspectiva teórico metodológica da Análise do discurso (AD) de orientação francesa.

Blinde seu casamento, seja feliz: discurso e efeitos de sentidos

Com o intuito de ter um casamento perfeito de acordo com os padrões impostos pelas igrejas cristãs e, assim, alcançar a tão desejada felicidade, muitos indivíduos estão em busca incessante por artifícios e dicas para ter o que está sendo procurado. Os livros de autoajuda surgem justamente com essa proposta.

Para ser identificado elementos que enfatizam o discurso e o porquê do livro analisado ter tido uma grande procura, chegando a mais de 2 milhões de exemplares vendidos, será aplicada a Análise do Discurso de origem francesa. Desta maneira será possível identificar os sentidos produzidos por estes discursos.

O livro *Casamento Blindado: o seu casamento à prova de divórcio* (2012), surge com a perspectiva de ensinar aos casais a viver em harmonia no casamento. No livro, os autores dão dicas de como homens e mulheres devem agir em determinadas situações, sendo sempre pelo ponto de vista cristão, tendo em vista que os autores apresentam-se como evangélicos, demonstrando atender aos preceitos da religião e da bíblia – obra recorrentemente citada no livro analisado.

Na contracapa do livro, há depoimentos de pessoas famosas e reconhecidas nacionalmente e internacionalmente pelos seus trabalhos, como Rodrigo Faro, Fernando Scherer (Xuxa) e Bemvindo Siqueira, personagens que afirmam e ressaltam sobre a importância do livro e do casamento na vida dos indivíduos. É interessante citar que nenhum destes comentários é feito de forma negativa. Um destes afirma o seguinte:

Ser casado significa abdicar de certas coisas em busca de um objetivo comum. Deve-se respeito, amizade e entender as necessidades do outro. Criar um ambiente saudável, com diálogos abertos, sem julgamentos. Manter-se casado exige usar mais do nosso lado racional que do emocional. Aprecio livros que estimulam esses sentimentos, como *Casamento Blindado*. Amar é primordial e eu amo a minha esposa (Fernando Scherer, medalhista olímpico, casado com a atriz Sheila Mello in CARDOSO, 2012, contracapa).

Depoimentos com esse viés são postos no livro com o objetivo de passar uma maior credibilidade da obra para o leitor, pois quando pessoas famosas afirmam sobre a importância do casamento e da obra em suas vidas, o livro passa um maior grau de confiabilidade e aceitação por parte do potencial público consumidor. Percebe-se, pela vertente do discurso, que tais enunciados constituem-se a partir de relações de saber e poder (FOUCAULT, 2014), uma vez que não estão sendo ditos em qualquer lugar ou por qualquer pessoa. São depoimentos de pessoas conhecidas, respeitadas. Isto é, que ocupam um lugar de produção específico. Além disso, a sua enunciação dá-se a partir de

uma ordem discursiva (FOUCAULT, 2011) na qual não são permitidas contradições ou dissensos.

Ao todo, o livro é composto por 22 capítulos e é dividido em 4 partes, as quais seguem, segundo pregam os autores, uma conformidade com o grau de aprendizagem dos leitores. No final de quase todos os capítulos, há uma parte reservada para as tarefas, onde os autores ditam exercícios para os leitores aplicarem, bem como exercitar o que aprendeu, visando avançar as etapas para se alcançar a blindagem do casamento. Logo após as tarefas, há um incentivo a publicização das mesmas. Os autores afirmam que a divulgação das tarefas por parte do leitor fará com que os amigos das redes sociais os “motivem na jornada”. No entanto, essa pode ser uma estratégia que impulsionará a maior visibilidade da obra, podendo proporcionar para quem está vendo a publicação o interesse pelo livro, assim como, possa comprá-lo e passe a lê-lo. Desta maneira, haverá uma propaganda gratuita da obra, além de aumentar o número de vendas.

A proposta das tarefas ao final dos capítulos nos remete a uma perspectiva de governamentalidade que esses discursos tentam com relação aos sujeitos. Não trata-se somente de uma disciplina, mas de uma relação de poder que visa governar os corpos dos sujeitos em suas mais diversas especificidades.

“*Defense! Defense!*” é o título do prefácio. Esse termo faz alusão ao que os torcedores de basquete norte americanos dizem numa partida. Tais enunciados são utilizados com o intuito de incentiva aos jogadores, no sentido destes defenderem o time de forma coletiva para que, assim, consigam vencer a partida. Assim, relacionado ao livro, o prefaciador afirma que o casamento é como uma partida de basquete: é preciso que os envolvidos trabalhem coletivamente para que este seja harmonioso e blindado.

Oscar Schmidt é quem escreve o prefácio. Para explicar quem ele é, é colocado que o prefaciador é o “maior jogador de basquete brasileiro de todos os tempos, é casado com Cristina e pai de Felipe e Stephanie”. Com efeito, mais uma vez é feito uso de pessoas com renome nacional, aspectos que proporcionarão maior visibilidade e credibilidade, pois quem escreve está recomendando a obra, além de ser conhecido nacionalmente, também possui um alto grau de influencia sobre a sociedade devido ao seu histórico e presença nos meios de comunicação. Para reforçar o discurso, esse

sujeito que prefacia a obra também possui uma família estruturada de acordo com os princípios cristãos e patriarcais, semelhante ao que é apresentado e proposto na obra.

Oscar conta que o livro é o primeiro que vai ao “cerne da questão: quem ama de verdade blinda o casamento”, no entanto, os livros de autoajuda, na maioria das vezes, afirmam que são os primeiros a publicarem algo sobre determinado assunto, demonstrando um discurso calcado em relações de poder, já que possuem um saber que poderá resolver os problemas dos leitores.

Os autores afirmam que o livro é voltado tanto para casais quanto para indivíduos solteiros que buscam futuramente uma vida conjugal feliz, fazendo assim com que o livro seja algo benéfico para toda a sociedade. E a amplitude do público-alvo mostra-se como uma estratégia mercadológica para que o livro tenha um grande número de vendas, uma vez que não há como, com um único ponto de vista, solucionar todos os problemas existentes de um número indeterminado de pessoas que possuem vidas, estilos e modos de ser amplamente diversos.

Evocando princípios cristãos tradicionais, é postulado pelos autores que ao crer em Deus e sendo cristão, é possível amar quem quer que seja, bem como este é um princípio balizador para a felicidade. E que esses – os cristãos - são os principais indivíduos que devem ter obrigação de manter um bom relacionamento enquanto casado, pois possuem uma maior compreensão em relação ao restante da sociedade sobre os ensinamentos da bíblia. Para Freud (2013), em uma perspectiva contrária a essa visão,

A religião estorva esse jogo de escolha e adaptação, ao impor igualmente a todos o seu caminho para conseguir felicidade e guardar-se do sofrimento. Sua técnica consiste em rebaixar o valor da vida e deformar delirantemente a imagem do mundo real, o que tem por pressuposto a intimidação da inteligência. A este preço, pela veemente fixação de um infantilismo psíquico e inserção num delírio de massa, a religião consegue poupar a muitos homens neurose individual. Mas pouco mais que isso. Existem [...] muitos caminhos que podem levar à felicidade, tal como é acessível ao ser humano, mas nenhum que conduza a ela seguramente. Tampouco a religião pode manter sua promessa. Quando o crente se vê finalmente obrigado a falar dos “inescrutáveis desígnios” (FREUD, 2013, p. 29).

Seguindo o pensamento de Freud, os indivíduos são seres subjetivos, tendo cada um seus desejos e particularidades. Desta forma, a religião não pode colocar seu ponto de vista como verdade absoluta, uma vez que há diversos caminhos para se alcançar a felicidade. Esta nunca será a mesma para todos os indivíduos, como propõem genericamente a obra analisada.

Uma das regras colocada pelos autores para ser alcançada a felicidade no casamento, é “agir como segurança de aeroporto”, pois “quando duas pessoas se casam, os passados de ambas também se juntam. E são eles, esses passados, que determinam o comportamento de cada um dentro do relacionamento” (CARDOSO, 2012, p. 35). No entanto, o indivíduo não deve se fixar ao que o parceiro foi, e sim, ao que ele é, pois todas as pessoas estão sujeitas a erros, além disso, vivemos um incessante processo de amadurecimento, estando sempre suscetíveis a atitudes equivocadas, como as do passado, o que pode ser redimido pelos pensamentos renovados em cada instante em que se vive. Outro ponto a se debater é a questão de se depositar totalmente a sua felicidade no outro, estando assim sujeito a decepções, já que todos os seres são imperfeitos, à deriva não sempre de situações benéficas.

Mesmo enfatizando corriqueiramente a necessidade de o casal estar sempre em harmonia, devendo alcançar a perfeição, no decorrer de todo o livro essa tal perfeição é direcionada incisivamente à mulher, uma vez que, segundo os autores, por conta dos defeitos de Adão e Eva, os homens e as mulheres foram amaldiçoados. A maldição que Deus colocou em ambos foi a de o homem viver sempre a servir ao trabalho e a mulher sempre servir ao homem. Como foi Eva que induziu o homem a comer a fruta pecaminosa, ela deverá ser, durante toda a sua vida, uma auxiliadora do homem, precisando estar ao seu lado em todos os momentos, mesmo aqueles em que o homem não tenha razão. Esta visão postula um discurso que possui uma formação específica, bem como possui uma rede de memórias e sentidos. De acordo com Boudieu em seu livro *A Dominação Masculina* (2014), tal percepção expressa uma verdadeira divisão que busca ser naturalizada, mas que advém a partir de pressupostos discursivos, os quais formam e são formados nas relações sociais.

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexualizadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2014, p. 21).

A partir de determinado momento do livro, intensifica-se – nem sempre de maneira explícita - o pensamento de que a mulher é a base da harmonia existente em um relacionamento matrimonial. No decorrer dos capítulos, é “ensinado” maneiras de como a mulher se portar diante de determinados comportamentos de seu companheiro. Como por exemplo, quando o homem chega em casa muito estressado e acaba por desarrumar toda a casa em que a mulher passou todo o dia para colocar em ordem. Nesse momento, segundo os autores, a mulher precisa manter a calma e compreender que o homem não está passando por um dia bom.

No entanto, a mulher sempre deve se preocupar em fazer tudo muito bem para agradar o marido. Não apenas de tarefas domésticas se constitui os exemplos. Em alguns enunciados se percebe a disciplina que a mulher deve possuir para agradar o seu cônjuge, a qual parece objetivar colonizar as ações da do sujeito esposa, como os dizeres que seguem: “às vezes a mulher pode até estar certa” ou então “a mulher não percebe que quando ela se torna inconveniente, o homem se afasta. O marido dificilmente aceitará ser afrontado” (2012, p.45). Tais enunciados evocam alguns dos elementos destacados por Butler (2012) quando da discussão acerca dos problemas de gênero. A filósofa afirma que é ainda muito comum que as mulheres sejam marcadas por tais ideias, principalmente o de servir, de modo que há quem pressuponha que o seu papel fosse baseado em enaltecer “[...] os homens como portadores de uma personalidade universal que transcende o corpo” (BUTLER, 2012, p. 28).

Com os exemplos citados do livro analisado juntamente com a citação da autora, percebe-se o quão forte é o conservadorismo na contemporaneidade. Mesmo após numerosas revoluções e conquistas advindas do movimento feminista, há uma forte

reprodução do machismo na sociedade, o qual pode ser facilmente visualizado nos discursos do livro apresentado. A felicidade no casamento, neste sentido, está baseada em um estado de manutenção dos papéis tradicionalmente pré-estabelecidos para homens e mulheres, os quais, por sua vez, enfrentam uma efervescência nos debates atualmente promovidos nos mais variados círculos sociais. Porém, tais discussões que contrariam as perspectivas desses *status quo* referendado pelo discurso construído em *Casamento Blindado* são categoricamente silenciados por este livro.

Considerações finais

Objetivamos no presente artigo realizar uma discussão sobre o fenômeno literário contemporâneo da autoajuda, tendo como recorte empírico de análise a obra *Casamento Blindado: o seu casamento à prova de divórcio* (2012). À guisa de considerações finais, ressalta-se que a autoajuda tem-se apresentado como uma das principais mediações no que se refere a oferta de modos de ser e estar para os sujeitos. Trata-se, neste sentido, de um gênero que tem tentado dar conta daquilo que os próprios sujeitos já não possuem mais um domínio – as suas próprias vidas.

De modo específico, com relação à obra analisada, percebe-se um discurso marcado fortemente por ideais conservadores, os quais pautam um modelo de família nuclear e tradicional. Por este motivo, na formação discursiva a que pertence, não identificamos nenhuma narrativa que fuja às normas propostas, isto é, onde as mulheres sejam independentes e as chefas da família, ou ainda, entre pessoas do mesmo sexo. Estes, apesar de serem modelos já bastante comuns em nossos dias, são postos fora da ordem discursiva apresentada no livro. Ainda com relação ao casamento, nota-se o discurso de uma relação em que a mulher volta a assumir alguns dos papéis pelos quais muitas já lutaram contra – o de donas de casa, auxiliadoras do marido.

A obra analisada apresenta, assim, um discurso dominante que já enfrentou – e enfrenta – muitos contradiscursos, principalmente dos movimentos feministas, demonstrando, por sua vez, como propõe Foucault (2011), que o discurso é um campo de batalhas, lutas, entraves, perpassado por poderes e perigos. São discursos que

propõem o retorno a modelos convencionais, os quais são indicados pelos autores como os únicos possíveis para encontrar a felicidade no casamento. A título de fim – mas sem ainda terminar – tendo em vista a amplitude da discussão, ressaltamos que buscamos trazer aqui uma exploração inicial, a qual deverá ser aprofundada em reflexões e trabalhos futuros.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Teodoro W; HORKHEIMER, Marx. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE LIVRARIAS. **Diagnóstico ANL do setor livreiro**. 2012. Disponível em: <http://anl.org.br/web/pdf/diagnostico_setor_livreiro_2012.pdf>. Acesso em: 04.07.2014.

BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luis Mauro Sá. A escola de Frankfurt. *In*: BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luis Mauro Sá. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARDOSO, R. CARDOSO, C. **Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

CHAGAS, Arnaldo. **O sujeito imaginário no discurso de auto-ajuda**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2007.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro | São Paulo: Paz&Terra, 2014.

FREIRE FILHO, João. (Org.). **Ser feliz hoje:** reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FREUD, Z. **O mal-estar na civilização.** São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2013.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

RÜDIGER, F. **Literatura de autoajuda e individualismo.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

MENDES, Marcília L. G. da Costa; OLIVEIRA, Geilson Fernandes de. Treine suas emoções, supere-se, seja feliz! Uma análise discursiva do imperativo da superação e da felicidade na literatura de autoajuda. **Revista comunicação, mídia e consumo.** Ano 10, Vol.10, n.29 p. 161-182 SET./DEZ. 2013.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX:** neurose. 9. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

RODRIGUES, Bruna Silva; MENDES, Marcília L. G. da Costa. **Felicidades modo de usar:** a autoajuda e a industrialização do bem estar subjetivo. *In:* Anais do X Salão de Iniciação Científica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. 2014.

SALEM, Tania. **Manuais modernos de auto-ajuda:** uma análise antropológica sobre a noção de pessoa e suas perturbações. Rio de Janeiro: IMS, 1992.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TUCHERMAN, Ieda. Desvendando um enigma: autoajuda, mídia e biopoder. *In:* ROCHA, Rose de Melo; CASAQUI, Vander. (Orgs.). **Estéticas midiáticas e narrativas do consumo.** Porto Alegre: Sulina, 2012.